

Brasil e China: Interdependência e Aprendizado

Rubens Penha Cysne*

01/03/2011

As Figuras 1 e 2 abaixo permitem uma rápida avaliação da evolução da interdependência estratégica entre China e Brasil nos últimos vinte anos, no que diz respeito a importações e a exportações:

Figura 1

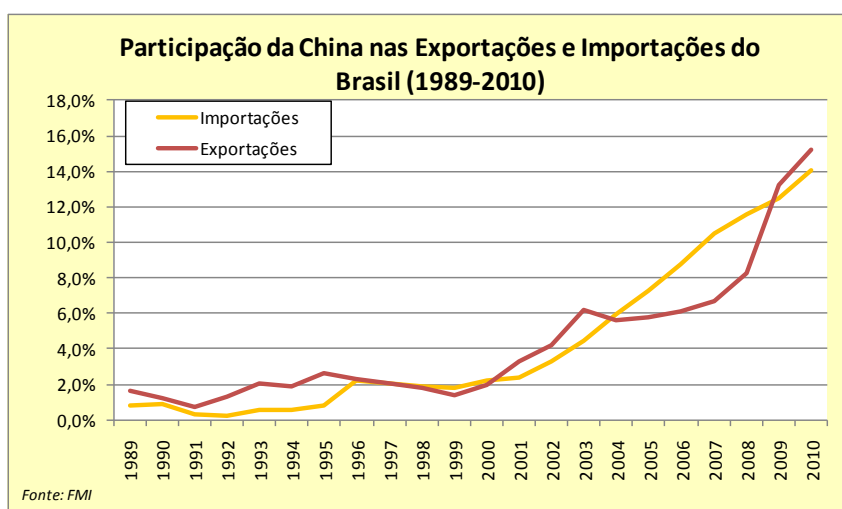
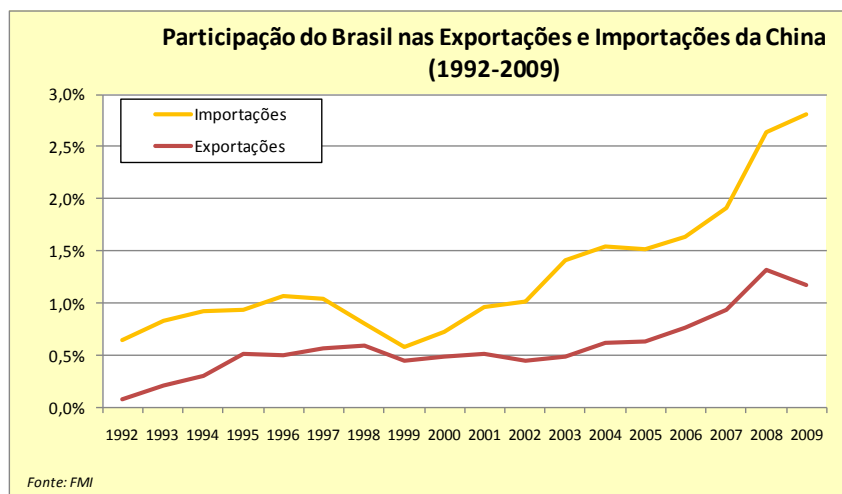


Figura 2



Observa-se na Figura 1 um fortíssimo crescimento da participação da China nas nossas importações e exportações. Em 1989, algo em torno de 1% de nossas importações provinha da

China, as exportações para este país correspondendo a menos de 2,0% da pauta de exportações brasileiras. Ao final de 2010, aproximadamente 14% de nossas importações têm como fonte produtos chineses, as exportações para este país chegando a quase 15% do total das exportações brasileiras.

Em alguns produtos a dependência brasileira é bastante elevada. Por exemplo, na categoria de grãos e oleaginosas, aproximadamente 55% do total exportado pelo Brasil foi comprado pela China. Números da ordem de quase 50% do total exportado aplicam-se também a produtos vegetais, minérios e a prata e derivados. Por outro lado, é curioso saber que aproximadamente 93% do total da importação de guarda-chuvas e bengalas têm origem na China. No caso de brinquedos, o percentual proveniente da China é da ordem de 82% do total importado pelo Brasil.

Paralelamente, a Figura 2 mostra o mesmo comércio, mas agora sob a ótica da China. Também se observa uma elevação da participação do Brasil nas exportações e importações do Brasil. Mas além de um crescimento mais modesto, fruto da elevação da interação da China também com outros países, os números indicam uma dependência bem menor. Menos de 3% das importações da China provêm do Brasil¹, e menos de 1,3% de suas exportações destinam-se ao Brasil.

A assimetria da participação da China no comércio exterior brasileiro, vis-à-vis a participação do Brasil no comércio exterior da China reflete, em particular, o fato de que hoje em dia a economia brasileira é pequena face à economia chinesa. A título de ilustração, enquanto as exportações e importações chinesas totalizaram, respectivamente US\$ 1,3 e 1,1 trilhões na média 2008/2009, estes mesmos números para o Brasil apresentam valores da ordem de apenas US\$ 0,18 e 0,15 trilhões.

Por outro lado, tais números revelam também algo importante do ponto de vista estratégico: uma assimétrica dependência do comércio exterior brasileiro relativamente a este país. Ainda que o Brasil apresente relativa diversidade, quando comparado à média internacional, tanto de parceiros comerciais quanto de produtos exportáveis, o aumento assimétrico da dependência em relação a um único país pode implicar um maior risco comercial e, em última instância, um enfraquecimento nas relações de troca econômicas e políticas.

Outro ponto negativo que decorre destes números prende-se ao fato de que as exportações brasileiras para a China apresentam forte predominância de produtos básicos (84%), em contraposição a semimanufaturados (12%) e manufaturados (4% do total). Na pauta de exportações para a América Latina, ou mesmo para os Estados Unidos, por exemplo, o percentual de manufaturados é bem mais elevado: 78% e 52%, respectivamente. Segue daí que uma concentração do comércio exterior brasileiro com a China nos moldes atuais tende a reduzir, em termos relativos, a demanda externa por produtos com médio ou alto valor adicionado de capital físico e humano.

¹ Os números por categoria de produtos, entretanto, pode ser bastante elevados. Por exemplo, 47% do total das importações de fumo (tabaco) e derivados da China provêm do Brasil. Da mesma forma, 35% do total de grãos e oleaginosas e aproximadamente 19% do total de minérios importados pela China têm o Brasil como fonte de origem.

O que estes números estão a sugerir não é que o Brasil deva reduzir seu comércio com a China, mas sim que deve evitar concentrar-se em demasia em poucos parceiros comerciais. E também que deve fomentar, através de políticas públicas, exportações com maior valor adicionado de capital físico e humano.

O passado econômico da China é de útil aprendizado. Tendo sido responsável por vários avanços tecnológicos em seus quatro mil anos de história, incluindo a invenção do papel, da imprensa, da pólvora e da bússola, com uma renda da ordem 18 vezes a americana no início do século XIX, a China deu um primeiro e grande tropeço ao não saber colher adequadamente os benefícios da Revolução Industrial.

Após os conflitos internos do início do século XX, que perduraram até 1949, houve ainda os períodos de marcha a ré caracterizados pelo mal-sucedido “Grande Salto Avante” e pela retrógrada “Revolução Cultural” maoísta. Apenas após 1978, com as reformas introduzidas por Deng Xiao Ping, a China conseguiu firmar-se (pelo menos até agora) em um processo estável e sustentado de alto crescimento.

Forte abertura ao exterior tanto de comércio quanto de investimentos, aumento da utilização de mecanismos de mercado, alta propensão a poupar, gigantesco incentivo à educação básica e resistência à valorização cambial exagerada são fatos importantes no processo recente de crescimento chinês. Talvez o Brasil tenha algo a aprender com este seu parceiro comercial.

***Rubens Penha Cysne (<http://www.epge.fgv.br/users/rubens/>) é Diretor da EPGE/FGV**